



O CALDEIREIRO HESPANHOL AMBULANTE.

DAMOS hoje a copia de um desses quadros de Murillo, que representam scenas populares, como o rapaz mendigo, [vid. a pag. 68 do nosso vol. 5.º] e em que este habil pintor sobresahia tanto como nos paineis historicos de grande composição: tinha

JULHO 9 — 1842.

elle estudado muito, assim os costumes nacionaes, como os trajos e maneiras da gente de mais humilde condição. Murillo, por seu grande apego a Sevilha sua patria, despresando o fausto de Madrid, e pela carencia de viagens, era o mais proprio pa-

2.ª SERIE — VOL. I.

ra este genero de pintura; ao passo que Velasques, seu mestre, tratando com os grandes na corte, tinha um estylo, por assim nos explicarmos, mais tumido e altivo; e por isso o pincel simples e brandamente temperado do primeiro se exercitou nos grandes quadros mais em assumptos devotos do que em scenas de vehementes ou criminosas paixões.

Murillo [diz um escriptor da sua vida] apreciava tanto o prazer do retiro tranquillo e estudioso que poucos materiaes fornece de narração individual ao seu biographo. Tendo subido ao auge da distincção que merecia, a sua historia cifra-se na de suas obras, mas tão numerosas são estas que não é pequena tarefa noticiar brevemente as mais escolhidas; estão disseminadas por toda a parte onde as Bellas-Artes tem cultores; as galerias de Inglaterra, e a do marechal Soult em França contem bom numero dellas: em Lisboa não vimos outras obras, que nos dissessem ser de Murillo, alem de dois quadros que possui a Serenissima Sr.^a Infanta, D. Isabel Maria, na sua casa de campo em Bemfica.

É provavelmente em consequencia de não ter estudado na Italia que requebra em todas as pinturas de Murillo uma nacional peculiaridade de attitudens, physionomias e trajos; nada da maneira academica se descobre em seus grupos, todas as suas *Madonnas e Santos* inculcam o typo das feições hespanholas, e posto que adoptasse uma bella expressão natural observa-se-lhe todavia certa simplicidade burgueza, que tem meio termo entre a vulgaridade flamenga e o gosto elegante dos italianos. Tambem o influiria notavelmente o proprio temperamento; e esta lembrança nos induz a concluir com uma citação, que o dá a conhecer como homem. — Murillo [refere o A. das *Anecdotes des illustres peintres hespanhols*] era de sua pessoa bem parecido e de agradável figura, de natural brando e modesto; na physionomia e modos expressivo mas regrado; igualmente insensível ás alliciações do interesse ou da ambição: resistiu aos magnificos offerecimentos de Carlos 2.^o, e comtudo por sua morte todo o dinheiro que se lhe achou foram cem reales que recebeu na vespera, e sessenta pesos hespanhols n'uma gaveta. — Deu impulso á pintura em Hespanha não só pelas obras proprias, como fundando em Sevilha uma academia de que foi presidente até 1660 em que falleceu.

D. PEDRO E D. JOÃO DO CARVAJAL.
(1312).

VIII.

A' noite. — *Las Huelgas*.

«Vamos, que é posto o sol, e a noite fria
«As negras sombras á porfia engrossa.
*Domingos Maximiano Torres. — Eccl.
à morte de Quila.*

«..... e vós guardas,
«Dos porticos do templo assegurai-vos.
*Reis Quila. — Astarte, trag., Acto 3.^o
Scena 5.^a*

A poucas leguas de Burgós erguia-se a nobilissima abbacia de las Huelgas (*), antiga fundação de D.

(*) Era habitada por 150 religiosas ou recolhidas todas da primeira nobreza de Castella, ou filhas de principes. A abbadeza presidia em 17 conventos e o mosteiro possuia 14 villas e 50 aldeas, burgos ou casaes, dispondo tambem de 12 commendas: tinha immensa riqueza em ouro, prata, e ricos bordados.

Affonso, o nono; retiro digno de almas no mundo maltratadas; monumento de piedade d'um rei illustre e valoroso. O sol descêra magestoso ao occidente, e a lua, nascida já, começava a pratear os campos e a fazer-se rainha nas solidões do espaço. Chamava o sino do mosteiro á oração e a voz de bronze correndo prados, bosques e oiteiros, derramava-se ao longe como um suspiro saudoso principiado na terra e acabado lá no céu, como um echo do santuario, ou como um aviso de outra vida. Negrejavam as arvores bastas da alameda e o murmurio da aragem vespertina passava coando pelas ramas sussurrantes algum suspirinho perdido. — Era uma hora de saudade, de meditação e de amor. O céu como abobada immensa, e preciosamente marchetada, parecia ter as serras por columnas, encerrando-se e como encostando-se aos seus cimos alvejantes. Uma cintasinha purpurea, á banda do oriente, ultimo reflexo, despojo unico do astro que se escondêra, dizia em seu nome o derradeiro adeus ás terras d'Hespanha. Como que a natureza se ia mollemente reclinando e começava a dormitar. Placidos e serenos corriam os momentos da noite que principiava: — a alma dilatava-se, abria-se o coração e o sentimento, e a mente mergulhada em indefinivel languidez dos sentidos e do pensamento imaginava confusamente, vagueava, discorria indistincta, trocando-se, envolvendo-se as idéas como os sons mansinhos d'uma cithara distante.

E sons tambem vinham do mosteiro que trasbordava, no meio da solidão e do silencio, de luz e de harmonia. Era o canto melodioso das virgens do Senhor. Vozes purissimas e viçosas entoavam em côro os canticos sagrados — envolvidos em santas e singellas harmonias os hymnos e canticos de Siam voavam fragantes e formosos d'entre as nuvens de incenso para o throno de Deus, e o echoar das mansas rogativas dos fieis ajoelhados no templo percorria as naves magestosas oscillando e tremendo como chorda de lyra que estallou — era nobre, era bello, era puro e santissimo — era a oração por todos. Curvado devotamente junto ás grades da capella-mór um nobre formoso mancebo orava tambem e com fervor. Severo no trajar; palido de rosto; olhos brilhantes, e negros cabellos; fronte espaçosa, e peito anciado. Esperava ou temia, ou talvez temia e esperava ao mesmo tempo. Quando, findos os canticos, as religiosas vieram juntas prostrar-se ao pé do altar as vistas do moço cravaram-se nos altos cancellos de rotula que as separavam do povo com affinco tamanho como se dahi esperasse elle morte ou vida. Arfava-lhe o seio grande; dissereis — se o visseis — que seus olhos esquadrihavam as roupas das religiosas e os seus brancos veus. Sahiram ellas e o mancebo soltando um gemido que bem se percebia vir-lhe lá do intimo ergueu-se e collocou-se silencioso atraz de um robusto feiche de columnas delgadas. Depois começou a retirar-se em ondas a multidão ruidosa. No momento em que mais embebido nas suas cogitações menos dava pelo que diante dos olhos lhe passava, sentiu que da sua mão travava outra mão valente, que lha apertava como se quizesse deslocar-lha, e que uma voz raiosa, ao que parecia, lhe atirava aos ouvidos com estas palavras: —

«Procura, procura que acharás!»

Mas tudo isto, passado em menos d'um credo, com quanto fosse sobremodo estranho, pareceu-me abalar o mancebo que olhou machinalmente como se por instincto quizesse buscar quem assim

lhe fallára, e que vendo só a turba que se escoava recahiú no seu absorto meditar, tão aturado e tão fundo como se vê. Alguem que passou por junto delle notou que o formoso moço depois que se erguera das grades não deixára ainda de ter os olhos arrazados d'agua. Apagaram-se todas as luzes, calaram-se todas as vozes, sahiram todos os que enchiam o templo: só o mancebo não sahiu, só não se apagou nem se calou a voz e a chamma que similhava arder-lhe e fallar-lhe no coração e na mente atravez do misterioso véu da sua constante meditação. Fecharam-se as portas do templo, e muitas vezes o sachristão e os bedéis rodando, antes do recolher, as profundezas do mosteiro passaram junto delle sem delle darem fé — tão immovel se conservava! — Toma-lo-iam, ainda que o vissem, por uma das innumeraveis estatuas do templo que descêra do seu nicho, ou por um fragmento do feixe de columnas a que parecia adherir, perdido como estava e submerso nas longas sombras! Ei-los todos que sahiram — todos: só elle ficou. Não sabemos que intima esperança ou que secreto pensamento o fizera alli ficar, nem o que dizia em sua alma, nem o que o transtornava; só podêmos dizer-vos que ao achar-se só — tão só! — no seio do templo pareceu voltar a si — orou largo espaço — mediu a passos longos as lageas das naves, e depois, ao que figurava, cansado de acerba luta de pensamentos e sensações dolorosas foi deitar a cabeça ardente n'um marmore de tumulo. Por muito tempo soluços abafados fizeram murmurar os echos do templo, e lagrimas que escaldavam alagaram as pedras do chão — e era grande este tormento, grande como não sei dizer-vos — e durou mui longamente — e muito e muito!

E no templo so brilhava uma lampada unica no santuario, alumando froxamente um circulo pequenissimo, em quanto um raio de lua, coado pelos vidros corados d'uma fresta, vinha fazer brincar sobre o pavimento a sombra dos ondeantes ramos de um cedro viçoso que lá fóra, e perto, a fresca aragem da noite remechia.

E lá pela meia noite, quando a lampada menos luzia e a sombrinha mais ao claro se folgava, sentiu-se o abrir e fechar d'algumas portas no interior do mosteiro, ouviu-se o rumorejar d'um vestido feminino e viu-se abrir a porta d'uma capellinha lateral, que alli no templo havia, dando sahida a uma linda mulher — ai! tão linda, tão linda mesmo na sua marmorea palidez! — trajada de branco, branca toda ella, branca de neve, leve como sombra, subtil como espirito, ligeira como visão da phantasia perdida em sonho ou em delirio. Mortos os olhos, brancos os labios como um botão de rosa candida, logo finado apenas aberto, incerto o andar, e formosa como eu imagino que o serão os alvos seraphins lá do céu — tão formosa, que tal formosura póde sonhar-se mas não dizer-se. Murmurava cousas que nem dizia nem se ouviam, e passava abrindo aeriamente as sombras como jasmim cahido de noite. E ella ia pelo templo adiante, e a ir por pé do infeliz, estendido no escuro e na pedra, a extremidade dos seus vestidos roçou o rosto do mal-fadado e foi tira-lo do seu entorpecimento. Estremeceu elle ao subito contacto, e levantou-se d'um pulo e seguiu a branca figura passo a passo, palpitante e animado de repentino e maravilhoso ardor. Porem ella junto do santuario aonde a lampada brilhava ainda sorriu tristemente — bem tristemente, podeis cre-lo — e dando um gemido deixou sahir

lentamente estas palavras com tão dolorosa expressão que singularmente contrastava com o sentido dellas.

«Oh!... como estou bem aqui!...»

E assentou-se nos degraus da capella conchegando desvelladamente os vestidos em roda de si com cuidado e alinho infantil. — Ouviu-se então um grito grande arrancado das entranhas do coração, das mais fundas raizes d'alma, e o mancebo cahiu de joelhos diante da linda desconsolada, que estava immovel como uma imagem do altar, e tomou-lhe as mãos e beijou-lhas muito, muito, e chamou-a com os mais doces nomes do mundo, com os olhos fitos nella, bradando assim delirante, desatinado, doido de paixão; —

«Eis-te, eis-te, anjo da minha vida... — és tu, tu na verdade?... Não me enganaram, não... és a minha Yolanta... estás aqui... Aqui é o mosteiro de las Huelgas... mas tu não és ainda esposa do Senhor... esses vestidos mo dizem. Bemdito sejas, meu Deus... podêra ser aqui o sepulchro das minhas esperanças... e apenas o fizestes momentaneo carcere de desejos. Bemdito vós, meu Deus... que ma conservastes pura á sombra dos vossos tetos, livre ao abrigo da vossa casa... E eu que me finava de incerteza!... Queria que partisse — não sabes? — que me fosse sem te vêr, sem commigo te levar...? Loucos!... para que queria vida e liberdade sem ti?... De certo soubeste que eu aqui estava... alguma das nobres monjas to disse... Se pensáras o que soffri commigo quando te não vi com ellas no côro e na igreja... Foi o céu que me poz n'alma este perseverante pensamento de ficar aqui... Mas como fiquei eu, santo Deus?... a dor que no coração me doia não ta poderei eu nunca explicar... e agora, agora!... passei do inferno para o céu... Falla, amor de minha alma, falla, diz alguma cousa ao pobre desterrado, que só agora vive e pensa... falla, flôr unica desta vida... uma palavra tua... escuto-a como se a Santa Virgem me fallára...»

As phrases desalinhas do mancebo mostravam bem o excesso da sua alegria — ora em phrenesi, ora em extasi, que a nada lhe deixavam attender senão ao doido contentamento que tão desordenadamente manifestava. Mas a virgem olhava-o sem vêr, olhava-o fixamente e não o entendia, e era um géllo ao pé d'um incendio. Levou as mãos á cabeça, depois apalpou o peito e ambos os braços, e respondeu...: —

«Passou... não tenho sangue nem ferida... mas o sangue correu, correu, correu... e eu vi-o... Ah!»

Foi um grito espedaçador, tremeu desde a cabeça até aos pés, e ficou a sorrir para o mancebo, attonito do que via e inquieto... Ella continuou, mudando de expressão: —

«Algum tempo fui eu feliz... já lá vai esse tempo... enfeitava a minha cabeça de flôres... oh! são tão lindas as flôres no verão... tão lindas! tão lindas!... e eu já as escolhi bem viçosas nos jardins de minha casa... regallei-me d'ellas... Tinha muita amisade a um pé d'amor perfeito... meu pobre amor perfeito!... veio um dia a tempestade... e levou-mo... nem uma folhinha so ficou... nem uma!... todas mas rasgou o vento... que mal tinha eu feito áquelle vento cruel?... por isso eu choro tanto!...»

Cortava a alma o seu pranto.

«Ficar assim... sem uma florinha da terra...»

sem uma só.... Se eu tivesse uma flôr.... que feliz que eu seria! ah! cá está ainda....

Tirou do seio um amor perfeito todo murchinho, e amarrotado... olhou bastante para elle, e depois beijou-o muitas vezes, encantada e a rir, mas com um riso cuberto de lagrimas....

«Ah! cá estás ainda, meu querido amor perfeito.... tenho uma flôr... vêdes?... E é tão linda a minha flôr que a não ha mais linda em toda a Andaluzia ou Castella.... agora sim, agora estou eu contente como a rainha... agora rio, rio....

Matava-se de choro.

O mancebo não atinava com o que via, e duvidando de seus olhos interrompeu-a bradando ancioso:—

«Yolanta, que tens tu?... Nunca mais sube de ti depois d'aquelle dia em que tanto por ti receei.... Só perguntei aonde estavas e corri a verte... que tens tu?... de que me fallas? O ferro não te fez mal que bem o vi... só correu o meu sangue, mas....»

«Sangue, sangue!... correu sangue!.... ó minha vida, minha vida!... viste-o? cahiu... ah! Deus do céu, que dó, que dó!

Erguera-se e deixára cahir no chão a pobre da florinha. Seus gestos eram desordenados.

«Quem me dera ter aqui minha mãe.... tinha tantas cousas que dizer.... minha mãe morreu.... morre-me tudo, e só eu fico... abandonada no mundo....

Deixou cahir os braços e a cabeça com tal languidez que parecia proxima a dar a alma a Deus.

«Só, tu só, meu amor?!... não, não... não me vês aqui?... Não posso eu dar-te já a felicidade que d'antes querias... És minha esposa perante o céu, nunca os homens nos poderão desunir... Temos por nós o futuro, a felicidade, o amor....»

«O amor!... quem sois vós?

«Ah!

Nisto as portas interiores do mosteiro escancararam-se, e a nobre abadesa acompanhada pelo fiel Affonso, o leal escudeiro de Carvajal, appareceram cuidadosos e apressados.

«Meu digno e nobre amo.»

«Affonso, aqui?»

«Aqui—sim, senhor.—Os Laras estão lá fóra, acompanhados de guardas d'elrei, que grandemente irado por vossa fuga promette premio a quem vos tomar ás mãos a vós e tambem a D. João.—Lancei-me aos pés da nobre senhora abadeça a quem procurei, porque sabia que estarieis aqui, contei-lhe tudo, porque tudo já sei, meu filho. Os guardas e os Laras gritam por vós....

«Porem eu posso salvar-vos. Tenho vassallos e jurisdicção, e o templo é inviolavel—interrompeu a digna abadeça.—Favos-hei fugir, mas quanto a esta donzella não conteis com leva-la. Poz-ma Deus á minha sombra....»

«Diante do mesmo Deus prometti-lhe eu, senhora, a minha protecção.»

«Mas Deus tirou-lhe o siso.—Não vedes que nem já vos conhece?»

Foi um raio que illuminou e feriu ao mesmo tempo o misero D. Pedro, que esse—já o tereis advinhado—era o mancebo.

«Yolanta, Yolanta, reconhece-me—bradou elle tomando-lhe as mãos—com a vida presa dos labios d'ella.»

«Quem sois vós?»—perguntou socegradamente a infeliz a sorrir.

«Nobre abbadeça de las Huelgas mandai abrir as portas do templo.»

«Meu amo!

«Filho de Deus!»

E as portas abriram-se, que os bedéis accordados pelos gritos dos guardas, e ignorando as tenções da digna abbadeça, tinham obedecido ao imperioso mandado.

Abriam-se as portas, e o infeliz lançando um olhar indefinivel á pobre doida que sorria, soltando-se dos braços do velho que desatinava, e agradecendo á nobre abbadeça, que orava n'um canto da capella, adiantou-se para os furiosos que bradavam lá fóra sem se atreverem a entrar, e appresentou-se-lhes sereno e socegado bradando:—

«Sou D. Pedro do Carvajal!»

«E eu D. João!»—acudiu do lado outro moço, mais pallido e fraco que o primeiro, sahindo d'entre as arvores da alameda!

Ganhámos o premio d'elrei!

Corria a noite limpa e quieta, e a lua passava magestosa!

[Concluir-se-ha].

VALLE DE JOSAPHAT.

ESTE valle estreito e fundo, sombrio e devastado, ao nascente de Jerusalem, entre o monte Moriah e o Monte-Olivet ou das Oliveiras, é tão contiguo á santa cidade que parece um immenso fosso de suas muralhas. Foi o cemiterio do povo judaico, quando este era nação com territorio; e ainda hoje os judeus crêem que se cumprirá litteralmente ahi a prophesia de Joel (2), concernente ao juizo final de todo o genero humano; muitos christãos os acompanham nessa crença; e os sectarios de Mafoma esperam a appareição do seu propheta nesta mesma paragem, até se diz que na borda de um penedo lhe tem preparado assento. Na cortadura deste vasto precipicio muito presavam os antigos hebreus sepultar seus defunctos, e actualmente os que o podem fazer não hesitam em desembolçar grossas quantias pela permissão de serem enterrados no mesmo chão que consumiu os corpos de seus antepassados. Atravessa-o de norte a sul a torrente Cedron, tão nomeada nas Escripturas.—Ouçamos quem o visitou ha quasi dez annos.—

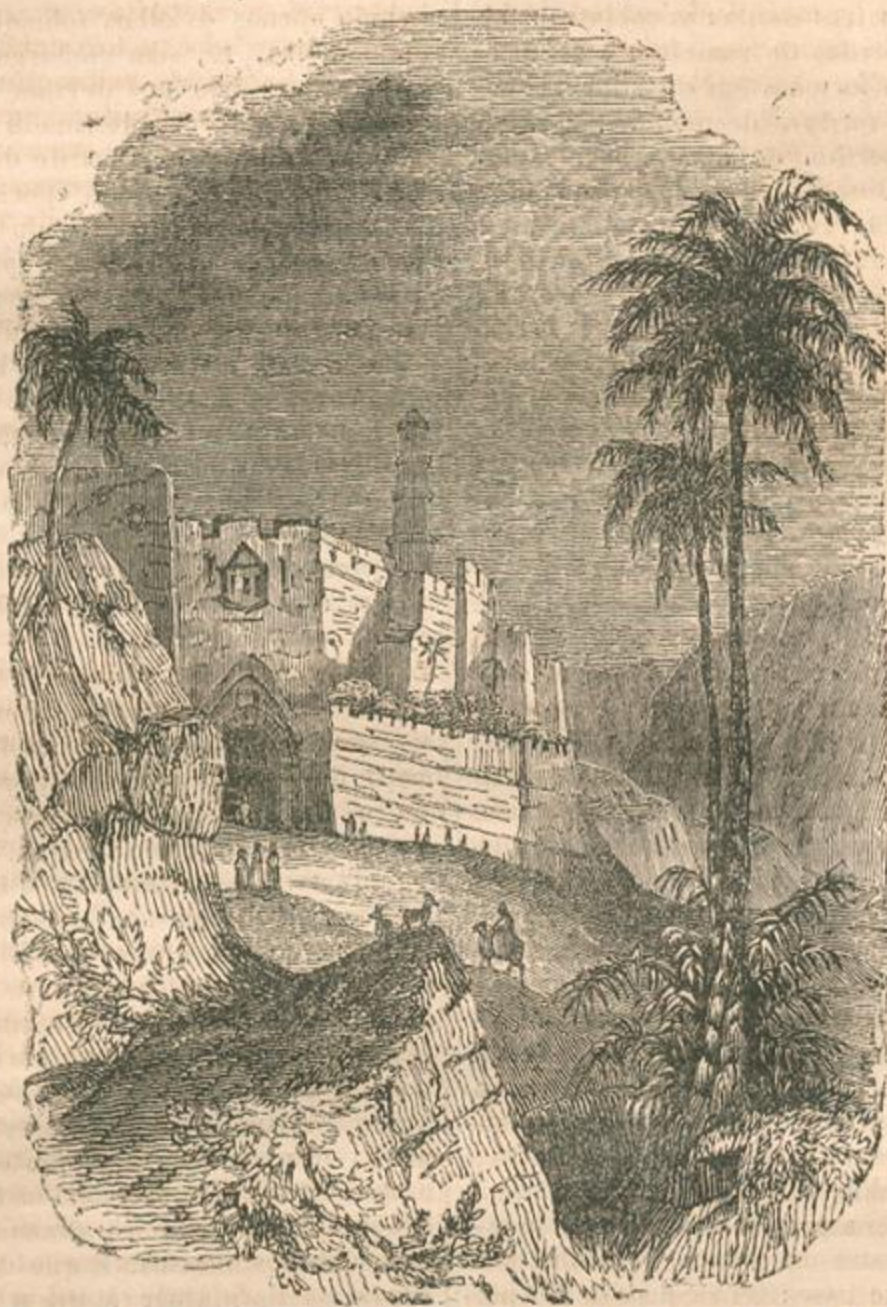
«O aspecto do valle de Josaphat é conforme ao destino que lhe assignam as idéas christaãs, semelha um vasto sepulchro, todavia mui acanhado para as ondas de gente que se hão de ahi accumular. Dominado de toda a parte por monumentos funebres; encaixilhado no penhasco de Silhoa á extremidade meridional, todo furado de cavernas sepulchraes como colmêa da morte; tendo aqui e acolá, por marcos funerarios, os tumulos de Josaphat, de Absalão, talhados na rocha viva á feição de pyramides, sombreados d'um lado pelas denegridas cabeças do Monte das Offensas e do outro pelas paredes do templo derrocado; é um lugar naturalmente repassado de temor santo, e destinado de mui cedo

(1) Ante esta porta da metropole judaica foi apredeado o Protomartyr.

(2) Cap.º 3.º § 2 a 12. Fr. João de Jesus Christo, na sua Viagem a Jerusalem, cap.º 20, diz:—Aqui está o valle de Josaphat, onde serão no ultimo dia julgados por Deus todos os homens, segundo a opinião vulgar, fundada talvez sobre uma passagem do propheta Joel, tomada no sentido espirital, ou sobre a significação da palavra Josaphat, que quer dizer: juizo de Deus.

a ser as gemonias (3) d'uma grande cidade, e onde a imaginação dos prophetas devia pôr sem esforço as scenas da morte, da resurreição e do juizo. — Imagine-se o valle de Josaphat, como um grande quadro com montanhas por molduras, e que o Cedron, alluvião espaiada e turva de aguas lugubres, corre por elle com lamentoso murmúrio; que se alargam quatro desfiladeiros espaçosos, abertos

aos quatro ventos, para dar passagem ás enchentes de mortos que afluem dos quatro pontos oppostos da terra; que as immensas bancadas de outeiros se dilatam por alli em amphitheatro para fazer logares aos innumeraveis filhos de Adão, que vem cada um por si assistir ao desenlace final do grande drama da humanidade; nada disto é. — O valle de Josaphat não passa de um fosso natural aberto entre



VALLE DE JOSAPHAT, E PORTA DE S.^{to} ESTEVÃO.

dois montes pequenos, um dos quaes sustem Jerusaleem e o outro a lomba do monte das Oliveiras; as muralhas da cidade se desabassem o entulhariam na maior parte; nenhuma garganta ahi desemboca; o Cedron, que sahe da terra alguns passos acima do valle, não é mais que uma torrente formada no iverno pelo escoamento das aguas pluvias que escorrem de alguns campos d'oliveiras, inferiores aos tumulos dos reis, e é atravessada por uma ponte ao meio do valle em face d'uma das portas de Jerusaleem; tem alguns passos de largo e o valle neste sitio não tem mais largura que o seu rio. (4) Este,

(3) Gemonias eram os logares onde os antigos expunham os cadaveres dos criminosos.

(4) O Cedron tem sua ponte de um só arco, desnecessaria na maior parte do anno, porque a torrente só arroja aguas depois de terem cahido chuvas fortes. — Um peregrino portuguez, na visita que fez aos santos logares em 1817 lembra-se assim da passagem desta ponte. — Neste mesmo logar fomos corridos á pedrada por uns rapazes turcos, que nos deram que soffrer; porem não me affligi muito, por me lembrar que os rapazes em toda a parte são máus. — Fr. João de Jesus Christo. Viagem. pag. 169 da 2.^a edição

sem'agua, apenas delinea um leito escondido de seixos brancos no fundo desta garganta. N'uma palavra, o valle de Josaphat parece-se de todo o ponto a um dos fossos abertos ao sopé d'altas fortificações de grande cidade, para onde a cloaca desta despeja no inverno as suas immundicies, aonde alguns habitantes pobres dos arrabaldes usurpam á esplanada uma nesga de terra para cultivo de poucos legumes, e onde as cabras e os animaes deitados á margem vão roer nas ingremes ladeiras a herva enfiada pela poeira e lixo. — Semeai o solo de pedras sepulchraes pertencentes a todos os cultos do mundo, e tereis diante dos olhos o valle do juizo final. — Eis-agora a fonte de Siloé, a nascente unica do valle, o manancial que inspirou reis e prophetas; não sei como a tantos viajantes deu trabalho o descubri-la e ainda hoje disputam acerca do logar em que estava. Ei-la aqui toda cheia d'agua cristallina e saborosa, espalhando a evaporação humida na atmosphaera ardente e pulverulenta do valle, com vinte degraus cavados na rocha sobre que assentava o palacio de David com sua abobada de

cantaria poida pelos seculos e entapizada nas juntas com musgos e a hera eterna: os degraus de seus lanços d'escada, gastos pelos pés das mulheres que vem da aldêa de Silhoa encher seus cantaros, estão luzentes como marmore.... É o unico sitio das cercanias de Jerusalem onde o viajante acha com que molhe as mãos e estanque a sede, e onde descance a cabeça á sombra do rochedo refrescado e de duas ou tres moitas vecejantes: algumas hortinhas, plantadas de romeiras e arbustos pelos arabes de Silhoa formam em circuito da fonte um bosquesinho de verdura desmaiada, que ella conserva com o superfluo de suas aguas. Alli é que acaba o valle de Josaphat. — Porem de todos estes logares o mais notavel, e sem duvida o mais venerando é o campo das oliveiras com o horto de Gethsemani, ou da *agonia*, onde J. Christo orou, e se offereceu em holocausto pelos homens; jaz no mais cavado e estreito passo do abysmo de Josaphat, que temos descripto; é sitio propriissimo para meditações profundas e sublimes. A gruta de Gethsemani, e o penhasco que a cobre, estão actualmente encerrados dentro dos muros de uma capellinha fechada á chave a qual pára em poder dos religiosos latinos de Jerusalem, por lhes pertencer bem como o contiguo campo com as sete oliveiras annosas, que a tradição popular reverencia como as mesmas da epocha da Redempção. A porta, cortada na penha, abre para o pateo de outro pio santuario, a que chamam o tumulto da Santa Virgem, mas que a saã critica da historia ecclesiastica duvida ser tal; é um edificio formoso de architectura composita, porem de character severo ao estylo antigo; certo é que todas as seitas christãs e até os turcos o teem em veneração. — Os sepulchros, verdadeiros ou suppostos, de reis e outros hebreus illustres, são alguns adornados de columnas que figuram sustentar a construcção, mas que na realidade são afeioadas em formas architectonicas na rocha nativa. O do rei Josaphat, que deu nome ao valle, é uma gruta cuja porta, seu principal ornamento, foi primorosamente lavrada. O de Absalão, o desventurado e rebelde filho de David, é uma mole de pedra, cavada na propria pedreira da montanha de Silhoa, sem estar despegada da penha primitiva que lhe serve de base: terá cousa de 30 pés d'altura e 20 de largo por todas as faces; a forma é uma base quadrada, porta grega ao meio e cornija corinthia, e acabando em pyramide no vertice: a apparencia é grave e monumental, mas extravagante, sem que represente character especial de architectura. — Taes são em compendio os objectos notaveis, que captivam a attenção neste lugar justamente celebre.

QUALIDADES E CONDIÇÃO DA MULHER.

Grande e sublime é a pintura, que nos fazem Milton e Buffon, dos sentimentos que agitaram o primeiro homem, quando ao sahir do somno, que Deus lhe dera para repouso, viu a seu lado a mulher; mas por excelsa que seja esta pintura fica mui àquem da realidade, se considerarmos este acontecimento, collocando-nos na posição de nosso primeiro pai.

Adão solitario no Paraiso, e sem outro espectáculo mais que o da natureza, ao passo que se extasiaria a sua mente, e se recrearia a sua vista com tão magnifico quadro, devia sentir um vacuo

em seu coração, e conhecer que o não podiam encher nem as flôres das relvas, nem o sussurro das fontes, nem o estampido das tempestades.

Nós, que nos costumamos a contemplar o sexo feminino desde que nascemos; que nos primeiros annos da vida assistimos a seus brincos e passatempos; não podemos comprehender profundamente a reunião de sensações que receberia o homem, quando abrindo apenas os olhos somnolentos divisou a sua companheira. E, sem embargo dos numerosos precedentes que não nos deixam avaliar convenientemente essa creatura destinada para formar a nossa felicidade, quem é capaz de descrever o que sentimos, quando chegados á epocha das paixões lográmos possuir a companhia da que o céu nos deu por esposa? — As violentas pulsações do coração nessa aquisição; a deliciosa consciencia e expansão da nossa existencia, a vida e o calor que esta adquire; o fogo com que brilham nossos olhos, o novo mundo de felicidade e gloria que reluz então á nossa vista, são sentimentos inexplicaveis, indefiniveis, que não tem palavras nos idiomas, e que só podem ser comparados a uma ideal bem-aventurança.

E com razão e justiça produz em nós tão maravilhoso effeito a mulher. Formada á semelhança do varão, assim como este o foi á do seu creador, sobrepõe-o em formosura pela maior elegancia de formas e mimoso da cutis, bem como se lhe avanta em ternura de vistas. Robusto e musculoso o braço do homem annuncia por sua fortaleza que o céu o destinára para abraçar armas, despojar montes e selvas, cruzar mares, e arrancar os segredos á terra: — melindroso e torneado o braço da mulher mostra com sua brandura e belleza que foi feito para os amplexos dos filhinhos e do esposo, para apoio da meninice, para se estender a esmolar os desgraçados ou a enxugar-lhes as lagrimas. — Pouco saliente e de ordinario povoado de cabellos o peito do homem parece-se a um escudo collocado pela natureza para servir de guarda ao coração: ao passo que avultado e formosissimo o peito feminino ostenta-se como a fonte da vida, onde bebemos nosso primeiro alimento, como o deposito de carinhosos affectos. E que diremos dos olhos?... Nunca os da mulher aterram com olhar colerico, como os dos homens; jámais aquellas pupillas inquietas expressam perfeitamente uma paixão, a não ser das paixões maviosas e celestiaes, em que muito e muito nos excedem. Offendei uma senhora no mais vivo de sua honra, vê-la-heis chorar exasperada, e contestar vossos insultos com suspiros e queixas: — offendei em iguaes circumstancias um varão, e o fogo de seus olhos, a seccura dos labios, o tremor dos membros, vos dirão com mudas vozes que está sedento do vosso sangue.

Não são estas as unicas vantagens em que a mulher vence o homem: existem outras muitas, que a collocam n'uma altura de que é difficillimo derriba-la. Ella, por exemplo, cria a sociedade porque suavisa os costumes asperos do varão; tem mais apego á patria do que este; e não tem audacia e insensibilidade bastante para abandonar seus pais anciãos e enfermos, como muitas vezes o homem effectúa instigado pela ambição e cobiça.

Sem embargo de tão excelsas prendas, apesar de ser a mulher uma especie de anjo que baixára do céu, a divindade a tem destinado para victima do homem, que a conduz frequentes vezes ao sacrificio sem condoer-se da belleza; que a converte

em escrava; que de raro se approxima della sem que a macule.

Com effeito para conhecer-se até que ponto é destinado o sexo debil para victima do sexo forte, não ha mais do que fixar a consideração nas tres epochas em que pode dividir-se a vida da mulher: fixemo-la, e veremos n'um momento que emprega a primeira em adornar-se para nos agradar; a segunda em cançar-se e consumir-se para conservar-nos; a terceira em erguer as mãos ao céu para que nos faça venturosos. Alinda-se para agradar-nos na sua juventude, porque só ambiciona o nosso amor; consome-se para conservar-nos em sua idade adulta, porque nos alimenta a seus peitos, destruindo sua formosura; e levanta as mãos ao céu na velhice, porque a mulher, naturalmente religiosa, dedica os ultimos annos de sua vida a orar por seus pais e por seus filhos, pelos orphãos e desvalidos. — Dada esta idéa geral da creatura que foi destinada pelo Creador para acompanhar o homem na sua carreira, vamos ao exame das suas paixões.

Profundamente raciocinou M.^{me} Stael, quando ao fallar do amor em uma das suas obras disse que esta paixão era um episodio da vida do homem e a vida inteira da mulher. O sexo formoso foi doado ao mundo para personificar o amor; o orgulho, a vaidade e as mais paixões, que dominam em seu coração, são subordinadas a esta, que é o seu todo. Cumprindo seu destino aprazível a mulher, quando menina, estima os seus bonitos e brinquedos muito mais do que nós: ama quando joven o seu amante com mais fervor do que nós; ama quando mãe a seus filhos mais extremosa e ardentemente do que os pais; e sempre, mas em particular na velhice, presa e venera os anjos e santos de sua devoção com fé mais pura e maior vehemencia do que os homens.

Nem por isso se crêa que a alma feminil é isenta das outras paixões; repetidas vezes a pungem o orgulho e a vaidade, porem sujeitas ao amor, como enunciamos, a primeira destas, segundo o celebre dito de uma escriptora franceza, é o remedio que Deus collocou em seu peito para soffrer as traições dos homens; a mulher [diz M.^{me} de Genlis] raras vezes seria esquecida se não fosse o orgulho que a domina, mas este sentimento é a causa principal de que não seja a cada passo menospresada pelos homens. Citamos esta auctora, porque estando convencidos de que o coração feminino é uma arca misteriosa que occulta muitos segredos que escapam á nossa vista, queremos recorrer a suas proprias confissões para revela-los. — A respeito das demais paixões que agitam a mulher, quem desconhece que são filhas do amor? . . . Será uma leãoa que despedaçará tudo o que fizer perigar o seu amor; e por outro lado será um paciente Job que tudo soffrerá com resignação se assim o exige o seu carinho. Conduzida aos mais atrozes supplicios, cuspirá a lingua á cara do algoz para não descobrir em meio das dores o seu amado, o seu filho, seu pai ou seu esposo.

Não faltaram na multidão de sabios e philosophos, que se propozeram a examinar a condição humana, alguns que, mal avindos com o sexo amavel ou escaços de comprehensão, attribuissem a esta preciosa metade da nossa existencia o torpe vicio da voluptuosidade e do sensualismo. Bem longe de opinarmos como Luthero, que defendia publicamente que as paixões sensuaes tinham sido estabelecidas por Deus com força maior que a que tinha dado a seus mandamentos, não deixaremos de vingar

a mulher desta calumnia, comparando aquella supposta tendencia com igual propensão dos homens.

O sexo feminino toma o typo de seus costumes daquelles que ostenta o sexo forte. A perversão da moral e desenfreamento das paixões tem sido em todos os tempos o resultado forçoso de uma multidão de circumstancias para que não concorrera a mulher: filha a corrupção da Grecia, por exemplo, da philosophia de Epicuro, nos gregos que a estudavam reconhecia a sua causa e não em as vilipendiadas matronas daquela nação: a corrupção romana, remêdo e contagio da de Athenas, pelos manebos romanos que frequentavam aquella cidade havia sido apadrinhada e diffundida. Alheia é por certo a culpa se o sexo feminino chega a perverter-se: quando o descendente de Calígula dictou a lei que condemnava á escravidão as matronas contra quem houvesse accusações justas e fundamentadas, já tinha Augusto, mas em vão, promulgado a famosa lei Papia Popea, que convidava os cidadãos ao matrimonio que aborreciam; quando a obscena Messalina comettia turpitudes, já Cesar tinha manchado o thálamo imperial com o monarcha da Bythinia. — Alem disto é tão falso e calumnioso que a mulher sobrepuje em sensualidade o sexo forte, quanto é certo que o sexo debil fica fóra do circulo e abandonado quando a corrupção chega ao seu extremo. A mente humana, em seu orgulho, rival da divindade, empenha-se, quando se corrompe e extravia, em contrariar a natureza, em a constranger a gozos desusados. Principalmente nas epochas em que o homem chega a esquecer-se de Deus, e naquellas em que o atheismo triumpho da religião, costuma ser mui commum a demencia da nossa alma e quasi seguro o desprezo das leis naturaes. Quando irritado o Senhor determinou abraçar com fogo do céu as duas cidades nefandas, que postergavam a natureza, segundo se lê no Genesis, tinham esses povos desconhecido o Omnipotente, e tambem a mulher; quando, abandonada na Grecia, a philosophia de Pithagoras e Platão foi substituida pelas duvidas do pyrronismo, aquella Athenas que menosprezou o poder celeste tambem menosprezou a mulher; quando extinta a fé ardente da republica romana os cidadãos converteram os antigos templos em theatro de orgias e sacrilegios, aquelles que não fizeram caso da influencia de seus numes tambem o não fizeram da mulher. Se discorrermos pelos tempos posteriores, acharemos o mesmo, mas por melindre o ommittimos. — Sublime e venturoso é portanto o destino do amavel sexo: — viver a par de Deus no coração dos homens; e desaparecer quando elle, no momento em que os homens se desvairam corrompidos.

P. S.

BIOGRAPHIA.

Bento de Moura Portugal.

2.º

DEPOIS que Bento de Moura concluiu na sua dura prisão a composição, e deducção scientifica de seus inventos, depois que com o auxilio de seu discreto director e amigo, P.^o João de Mattos, poz em ordem e clara relação suas contas e os demais arranjos de consciencia, fez escrever por mão daquelle a notavel carta de que já fallámos, ao conde de S. Lourenço, no fim da qual rematava com um artigo

que intitulou —recommendação para as augustissimas pessoas da casa real; —onde como em protesto de derradeira hora diz o seguinte: — V. Ex.^a segurarão ao Sr. infante [D. Pedro, depois 3.^o] que a maior pena com que aqui morrerei, é a de não poder empregar em beneficio d'um reino, que sei hão de possuir os seus descendentes, alguma capacidade que Deus me deu, e a experiencia me confirmou; mas quanto ao que julgar conveniente para este reino e para o Brasil se achará apontado em margens de livros, e na falta destes em papel pardo. Diga-lhe que só em negocio não fallarei; por estar certo que nunca faltou quem comprasse as mercadorias, que se podem dar por preço, que tenha conta aos compradores. A suas altezas dirá, que a consolação que de cumprimenta-los me resultava até este quasi escuro carcere se estende; porque a consideração de que ainda que estivesse solto não poderia beijar-lhes as mãos, e expôr a suas penetrantissimas censuras os pensamentos litterarios, que me occorram, me diminue muito o desejo de soltura. A elrei pôde V. Ex.^a segurar que o amei sempre, e desejei servir, e que espero da sua equidade e mercê remunerar em meus sobrinhos os serviços que antes e depois de preso lhe fiz e continuo a fazer. A senhora rainha que sinto muito o não ter visto o seu paul da Chamusca, pois lhe teria rendido dobrado com utilidade dos povos vizinhos: mas ás furtadellas deixo escripto o que entendendo convem se faça no tal paul. A Sr.^a princeza, que não ha felicidade que lhe não deseje. —

Vendo-se desta notavel recommendação quanto Bento de Moura havia sido acceto e bemquisto de todas as pessoas reaes, pertenderam alguns que esta mesma circumstancia contribuiria para perde-lo no animo ciumento dos ministros e cortezaes: outros até referiram certas distincções que em Salva-terra lhe prodigalisára o soberano diante d'algumas personagens; os serviços prestados aos senhores de Palhavaã, e á rainha, e a especie de privança ou entrada que isto lhe dava. Mas o editor da sua historia a pag. 16 conclue — que a verdadeira causa da desgraça de Bento de Moura foi aquella que apontou o marquez d'Alorna, e a isempção do homem philosopho, que não podia pôr freio a uma lingua generosa e desinteressada. — Lembra-nos de accordo com esta opinião que havendo Bento de Moura terminado suas peregrinações scientificas com a commissão do Paraguai, onde supponho foi mandado no tempo d'elrei D. José por causa da celebre questão de limites, ali teria mais desafogada occasião de moralisar sobre a catastrophe dos fidalgos, e subsequente perda dos jesuitas, n'um local de triumphos destes padres.

O certo é que Bento de Moura falleceu no carcere envolto nas obscuras trevas d'um preso d'estado, mais espessas ainda que as de sua prisão subterranea! Mas o homem sabio e benemerito do seu paiz não morre de todo. A sua memoria ficou desde logo estampada nas paginas d'outros litteratos seus contemporaneos. O P.^o Theodoro de Almeida lhe chamou — homem d'agudissimo engenho, e nascido para o calculo; — e n'outra parte: — homem de maior merecimento do que vulgarmente se pensa, que tantos creditos adquiriu á sua patria nos reinos estranhos por onde andou — d'Accourt e Padilha na obra intitulada — Effeitos raros dos elementos — diz confirmando sua opinião ácerca da Estatística de Lisboa com a de Bento de Moura — homem tão erudito como pratico —. Ultimamente o P.^o Macedo

no seu *Motim Litterario* lamentou a desgraça de morrer em uma prisão — o homem que merecia melhor sorte, Bento de Moura —.

Dissemos que o mesmo rigor da sua posição parecia remontar a energia do seu zêlo, e dissemos pouco, porque á vista da penuria de todos os meios de satisfaze-lo era preciso nada menos que uma paixão para triumphar de tantos obstaculos. Eis-aqui como se exprime o editor de que temos fallado quando trata dos seus escriptos: — temos gasto as ferias passadas em decifrar e copiar o que estava escripto em *papel pardo com tinta de ferrugem e fumo da candêa*. Nas margens do livro sobre a electricidade disse Bento de Moura, que elle explicaria melhor as cousas de que alli trata se tivesse papel; porem que era tal sua penuria que lhe era forçoso escrever nas margens estreitas d'um livro de 8.^o pequeno, não tendo outra tinta do que o fumo da candêa, nem outra penna que um páusinho de pinheiro: sendo-lhe preciso escrever da meia noite por diante, porque escrever seria o maior crime que dentro daquellas paredes se podia commetter —. Assim que, depois de processos e operações engenhosas, imaginadas por seu talento fecundo, havia chegado Bento de Moura a tornar o papel pardo, unico admittido alli para embrulhos, apto e proprio para suportar a escriptura; e foi nesta materia que elle dizia na carta a elrei D. Pedro, que lhe mandava a demonstração de seus *inventos dispostos em 28 quadernos de papel pardo dobrado em 4.^o*! Alem deste recurso se prevalecia das margens de dois livros que lhe deixaram, um o da electricidade, e outro intitulado *Le Negociant Anglais*.

O braço e dedicação do P.^o João de Mattos o ajudou nestas peniveis e verdadeiramente tormentosas tarefas, executadas com taes meios: e depois que por morte d'elrei D. José se desviaram para longe as iras do implacavel ministro, sahiram tambem com os presos que sobreviveram ao duro captiveiro os miraculosos honrados escriptos de Bento de Moura, já defunto, salvados pela mão da amizade, e pelo amor das lettras do illustre conde de S. Lourenço, companheiro do A. no mesmo carcere.

Doloroso é saber que do plano expendido naquella longo escripto dos 28 quadernos, mandados a elrei D. Pedro 3.^o, não resultou effeito algum d'aquelles a'que se propunha o seu benemerito auctor: esse escripto lá se perdeu ou sumiu no cahos das rasões politicas, ou no abandono e esquecimento da posteridade. O que nos resta das obras de Bento de Moura é o que foi descoberto por um amigo antigo e fiel do A., José Joaquim Simões de Paiva, magistrado integro e compatriota daquelle, o qual da Serra da Estrella se poz a caminho, e em Evora e Lisboa pôde recolher e colligir o que havia em poder de terceiras pessoas que os guardavam desde os carceres da Junqueira. Esta pequena mas preciosa colleccão ficou por muitos annos manuscripta até que foi publicada pela imprensa de Coimbra em o anno de 1821 pelos cuidados e desvelos d'outro comprovinciano do A., que sympathizando com tudo o que é glorioso e util para a sua patria accrescentou á Historia nacional uma nobre pagina, e levantou ao honrado, e infeliz Bento de Moura Portugal, um monumento a que já não podem chegar as invejas e as ingratidões dos homens. Intitula-se a sobredita obra: — *Inventos e varios Planos de melhoramentos para este reino, escriptos nas prisões da Junqueira, por Bento de Moura Portugal* —.

J. da C. N. C.